



## **200 ANOS DE KARL MARX – REFLEXÕES SOBRE UM LEGADO**

Édil Guedes

### **I.**

Quando se completou o centenário da morte de Karl Marx, em 1983, Henrique Cláudio de Lima Vaz indagava-se, em editorial escrito para esta *Síntese*, sobre a possibilidade de finalmente abordarmos a obra deste pensador *sine ira et studio*, tomando-a como uma aquisição perene da cultura humana. A resposta de Vaz, àquela altura, foi assertiva:

Com efeito, hoje é possível imprimir sobre a obra de Marx aquele sinete de eternidade que o historiador Tucídides reivindicava para as páginas do seu livro. Ela é um *ktêma eis aei*, uma aquisição da cultura humana que permanecerá para sempre. É sob esse ângulo que ela não pode deixar de interessar a quem quer que medite sobre a cultura do Ocidente não só como história documentada, mas como tradição viva. É no relevo dessa tradição que a obra de Marx avança finalmente a sua justa eminência, e a sua atualidade é indiscutível como o é a de Hegel, a de Descartes e, remontando bem mais longe no tempo, a de Platão e Aristóteles.<sup>1</sup>

Hoje, passados trinta e seis anos, sentimo-nos convidados a refazer a pergunta: podemos mesmo abordar Marx como um clássico, sem paixão e preconceito? Se nos pareceu, verdadeiramente, ter sido cada vez mais possível fazê-lo nos últimos decênios, essa condição se reverteu significativamente nos últimos anos. Temos vivido, no Brasil e no mundo, um tempo de cegueiras fundamentalistas, o acirramento de posições intolerantes, muitas

<sup>1</sup> LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Um centenário: Karl Marx. In: *Síntese*: 27 (1983), p. 5.

vezes associadas ao despreço pela reflexão diligente, pelo esforço genuíno de compreender e pelo diálogo respeitoso, marcado pelo reconhecimento das irredutíveis alteridade e dignidade do outro como interlocutor.

Ademais disto, quando se trata de Marx a questão sempre ganha contornos distintos. Nenhum outro grande pensador – que não seja menos relevante se o critério for a sua contribuição intelectual – exerceu, nos planos social, cultural e político, tanta influência, nem suscitou tanta reação. Acrescente-se ainda que o objeto frontal da crítica marxiana e o seu *Leitmotiv* seguem mais presentes do que nunca – o capital e toda a sua potência realizadora e disruptiva, de um lado, e o horizonte moderno da realização da liberdade humana, de outro.

Mas, queremos crer, é também por isso que devemos empenhar-nos para assumir o legado de Marx como *tradição viva*. Como defendeu Lima Vaz, a atualidade da obra marxiana não será a dos prontuários, das cartilhas, das respostas definitivas e certas para todos os grandes problemas da história que se apresentarem, mas o reconhecimento de que, sem o seu estudo, “um grande hiato se abriria na compreensão da nossa tradição cultural e se tornaria extremamente difícil conhecer os caminhos por onde vem andando a civilização ocidental nos últimos dois séculos”.<sup>2</sup>

Com efeito, Marx não ofereceu fórmulas, não desenhou modelos. Escreveu, no *Posfácio* da segunda edição de *O Capital*, que não queria “prescrever receitas” (...) para o cardápio da taberna do futuro”.<sup>3</sup> E essa postura parece ter-se acentuado com a maturidade:

O ‘último Marx’ é também o Marx mais íntimo: aquele que não esconde sua fragilidade diante da vida, mas, de qualquer modo, continua a lutar; que não se esquivava da dúvida, mas, ao contrário, a desafia, escolhendo prosseguir na investigação, ainda que sob o risco da incompletude, em vez de se sentir realizado com os juramentos ‘fideístas’ dos primeiros ‘marxistas’.<sup>4</sup>

É destacável o elogio de Martin Buber à pertinácia marxiana, aos esforços de Marx para dar, “com uma profundidade e uma honestidade dignas de admiração”, uma “resposta justa” à questão de que se ocupava: “vemo-lo diversas vezes apagar uma formulação de grande precisão e fineza, para buscar outra ainda mais adequada”.<sup>5</sup> Faz-nos lembrar a belíssima advertência de Marx aos seus leitores – sempre ávidos pela verdade –, depois de aplaudir a publicação da edição francesa de *O Capital* em fascículos: “Não há estrada já aberta para a ciência, e só aqueles que não temem a fadiga de galgar suas escarpas abruptas têm a chance de chegar aos seus cimos luminosos”.<sup>6</sup>

<sup>2</sup> LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Um centenário: Karl Marx. In: *Síntese*: 27 (1983), p. 6.

<sup>3</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Werke*. Berlin: Dietz Verlag, 1956ss (45v), v. 23, p. 25.

<sup>4</sup> MUSTO, Marcello. *O velho Marx*. Uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 11.

<sup>5</sup> BUBNER, Martin *apud* MUSTO, Marcello. *O velho Marx*. Uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 71, nota 51.

Reconhecer a grandeza e a exemplaridade de Marx na constituição do mundo moderno e de seu universo simbólico, assim como o caráter matricial e a vitalidade de seu pensamento, não deve – nem pode – significar, naturalmente, qualquer atestado de filiação ou adesão incondicionais. Nem Marx pôde cultivar tal atitude em relação a sua própria obra. Revelou-o principalmente o seu esforço infatigável de repensar os mesmos temas, a desbravar o íngreme caminho do saber, mas também o que afirmou, mais de uma vez, muito espirituosamente: “Tudo o que sei é que não sou marxista”.

Pois, de nossa parte, estarmos diante do pensamento de Marx é sempre também um convite para refletirmos sobre os limites do que Lima Vaz chamou de “humanismo absoluto da práxis”, no qual a atividade humana se eleva à dignidade de “mediação única para a sua existência autêntica”, e no qual “qualquer atitude contemplativa que seja abertura para uma realidade transcendente fica radicalmente destituída de significação ou valor”.<sup>7</sup> Esta questão se nos impõe inexoravelmente, porque o pensamento de Marx representa, de modo emblemático, esta identidade da civilização moderna:

(...) civilização que ousou reivindicar para o sujeito situado e finito a responsabilidade propriamente infinita de suportar todo o universo humano do *sentido*, ou seja, de constituir-se em fundamento último dessa verdade do *ser* que o sentido deve fazer brilhar para o homem”.<sup>8</sup>

## II.

Com este número temático de *Síntese – Revista de Filosofia*, buscamos dar mais um passo no esforço de compreender a obra deste notável e controverso pensador. A ideia de desenvolvê-lo surgiu a partir da realização, na FAJE, ao longo do primeiro semestre de 2018, de um Ciclo Filosófico, a propósito do sesquicentenário de *O Capital*, em 2017, e do bicentenário do nascimento de Karl Marx, em 2018. Sem o sabermos, propúnhamos algo inédito, pois até então não havia sido editado um número desta revista dedicado exclusivamente a este autor.

<sup>6</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Werke*. Berlin: Dietz Verlag, 1956ss (45v), v. 23, p. 31.

<sup>7</sup> LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia*. Problemas de Fronteira. São Paulo: Loyola, 1986, p. 134.

<sup>8</sup> LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia III*. Filosofia e cultura. São Paulo: Loyola, 1997, p. 173.